



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDICIPINAR EM HUMANIDADES**

SAMUEL DE LIMA AQUINO

**OS DILEMAS DE SEGURANÇA E LIBERDADE NO UNIVERSO TEÓRICO
DE ZYGMUNT BAUMAN**

Acarape - CE

2020

**OS DILEMAS DE SEGURANÇA E LIBERDADE NO UNIVERSO TEÓRICO
DE ZYGMUNT BAUMAN**

SAMUEL DE LIMA AQUINO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião André Alves de Lima Filho.

Acarape - CE

2020

Dedico este trabalho, aos meus pais,
Lucivania Aquino e Edineudo Aquino.
Que da escola à universidade,
demasiadamente me ajudaram na
obtenção de êxitos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, por terem grandiosamente me incentivado dia a dia.

Ao meu orientador Prof. Dr. Sebastião André Alves de Lima Filho por ter durante suas aulas percebido e afirmado que eu deveria fazer uma pesquisa sobre a obra de Zygmunt Bauman, e desde então ter me orientado na construção deste trabalho.

A todos os professores que me influenciaram no processo de construção do conhecimento.

À minha irmã, Ednara Raquel que tornou alegre cada dia de construção do presente trabalho.

A Paulo Silva que desde o início da minha vida acadêmica tem me ajudado de maneira sem precedentes. E por ter acompanhado paulatinamente a escrita deste trabalho.

À Lauana Lessa e Paulo Silva por terem me presenteado com livros de Zygmunt Bauman, muito pertinentes à minha pesquisa.

Ao meu amigo, Prof. Douglas Brasil que com seu olhar atencioso leu e opinou acerca deste trabalho.

À Profa. Dra. Janaina Campos Lobo e ao Prof. Dr. Francisco Thiago Rocha Vasconcelos que tão bondosamente aceitaram o convite para serem avaliadores deste trabalho.

A todos os meus amigos, que de algum modo, positivamente fizeram parte dessa trajetória. Um forte abraço.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. HIPÓTESE.....	10
3. OBJETIVOS.....	11
• Objetivo geral.....	11
• Objetivos específicos.....	11
4. JUSTIFICATIVA.....	12
5. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
6. METODOLOGIA.....	27
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar os conceitos de *segurança e liberdade* na obra do sociólogo polonês contemporâneo, Zygmunt Bauman (1925-2017). Desse modo, especificamente, este projeto pretende investigar a pertinente ambivalência entre ambos os conceitos e suas implicações com o advento e desenvolvimento da *Modernidade Líquida*. A partir de um levantamento bibliográfico, análise enfatizada do conceito de *ambivalência e mal-estar*, serão investigados os contextos que propiciam o crescimento ou limitação da busca de liberdade e segurança, na Modernidade, conforme argumenta Bauman (1998), ao retomar a teoria freudiana acerca do mal-estar estruturado pela civilização. Assim, ao enfatizar os dilemas de segurança e liberdade em diálogo com a teoria freudiana (esta, associada ao período sólido da modernidade) e baumaniana (associada ao período líquido da modernidade) o presente trabalho analisa os caminhos ambíguos pelos quais a modernidade chegou ao estágio de liquefação.

Diante da análise da obra baumaniana, percebemos que as explicações acerca dos conceitos de liberdade e segurança têm seus desdobramentos em diversas obras de Zygmunt Bauman, publicadas principalmente entre 1997 a 2007, assim, enfatizaremos estudos sobre o *Mal-estar da pós-modernidade*, fazendo nexos com outras relevantes obras associadas à pesquisa, como: *Modernidade e ambivalência*; *Em busca da política*; *Modernidade Líquida*; *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*; *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*; *Medo líquido* e *Tempos líquidos*. Desse modo, inicialmente para o embasamento da discussão sobre liberdade e segurança serão abordados de maneira pertinente os conceitos de ambivalência e mal-estar, relacionando-os posteriormente, e, portanto, fazendo pontes com o arcabouço teórico da *Teoria da modernidade líquida*¹.

A ambivalência segue invariavelmente e indesejavelmente atrelada à modernidade. Conforme argumenta Bauman (1999), durante a modernidade formaram-se estruturas, relações e hábitos que incessantemente buscaram a ordem, evitando, assim, fatores que gerassem desordem/caos, ou seja, seu contrário. Para isso, o uso da linguagem

¹ Teoria cunhada pelo sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman, tendo inexorável valor e pertinência no pensamento sociológico do século XXI.

e elementos essenciais como a nomeação e classificação dispuseram-se a atenuar casualidades, entretanto, nesse âmbito de controle estrutural e presunções, adveio indesejavelmente a mais significativa contingência da modernidade que também é o seu *alter ego* permanente, ou seja, a ambivalência. Nesse sentido, a Modernidade e suas práticas produzem a dicotomia entre ordem e caos, sendo esta conflituosamente interiorizada em pessoas, assim, Bauman ao retomar Freud² no que diz respeito ao poder como ambivalência, alega que “ O mundo moderno é um mundo de conflito; é também o mundo de um conflito que foi *interiorizado*, que virou um conflito interior, um estado de ambivalência e contingência pessoais. ” (BAUMAN, 1999, p. 188). Nesse contexto, de que modo este conflito *interiorizado* pode gerar o Mal-estar? E como liberdade e segurança se relaciona a este estado ambivalente?

Reflexões acerca do mal-estar em Bauman (1998), retomam um dos principais textos freudianos do século XX, trata-se do *O mal-estar na civilização* publicado ineditamente em Viena em 1930, inicialmente intitulado *A infelicidade na cultura* e posteriormente, *O mal-estar na cultura*, no entanto, houve consequentemente outras variações em sua nomenclatura, de acordo com a realização de outras edições que disseminaram seus importantes conteúdos acerca dos dilemas da civilização e a ocorrência do mal-estar moderno. Bauman (1998), ao analisar o mal-estar freudiano pressupõe que há a atuação deste em sociedades pós-modernas, assim como havia em sociedades modernas, o que houve foi uma mudança na troca entre segurança e liberdade. Assim, para Freud (2011), a civilização pressupõe a necessidade de enaltecimento de segurança e redução de liberdade individual, sendo esta última, mais presente em períodos longínquos e antecedentes a própria civilização. Para Bauman (1998), com o enaltecimento do valor da liberdade em diversos seguimentos e estrutura de sociedades, principalmente a partir da segunda metade do século XX, houve na conjuntura social a troca de segurança por liberdade permeada ainda por mal-estar. Nesse contexto, estas práticas podem vir a ser fatores determinantes para a interiorização do mal-estar? Na medida em que também há a construção da ambivalência. Há possibilidades de ponderamento entre liberdade e segurança?

Por conseguinte, a modernidade/pós-modernidade por ter um caráter ambivalente, propicia paradigmas de tendência à liberdade ou segurança, mediante as conjunturas de

² Presente no livro “Modernidade e ambivalência”, no tópico intitulado: “Freud ou ambivalência como poder” pertencente ao quinto capítulo.

um determinado período, sendo no âmbito de trocas perpetrados os mal-estares. Desse modo, afirma Bauman que:

Você ganha alguma coisa e, em troca, perde alguma outra coisa: a antiga norma mantém-se hoje tão verdadeira quanto o era então. Só que os ganhos e as perdas mudaram de lugar: *os homens e mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade*. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p. 10, grifo do autor).

Assim, a perspectiva pós-moderna baumaniana de que se tende a trocar segurança por liberdade demonstra-se inovadora de maneira conceitual à perspectiva freudiana, de modo que para Freud “O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança” (FREUD, 2011, p. 61), pois, a partir da civilização houve restrições aos instintos primitivos em seres humanos. As proibições sustentadas pelo *tabu* revelam para Freud (2014), uma origem intrinsecamente associada ao *totem*, que permeia a coerção do clã ou sociedade efetivando restrições como o tabu ao incesto e outras normativas imposta nos pilares da civilização.

Freud (2011), reflete acerca das imposições estabelecidas durante o processo civilizatório aos seres humanos e que isto, levou a cultura, a estabelecer doutrinações que contiveram a sexualidade e instintos primitivos, pautando assim, a ordem e a limpeza, através de instituições e regulamentações que não toleraram o valor atribuído a busca de liberdade individual. Com o curso da modernidade, o fenômeno identificado por Freud, no qual a cultura estabelece padrões que priorizam o estabelecimento de ordens e segurança individual é alterado de modo, que os padrões e estruturas sociais são desmanchados e se tornam fluidos e leves³ acentuando a ascendência da individualidade e liberdade individual. Assim, para Bauman (1998), a mudança estrutural ocorrida, não fez com que os seres humanos pós-modernos (ou líquidos) abandonassem os ideais de ordem, limpeza, e pureza que têm fundamentais importâncias para a possibilidade de condução social de indivíduos ao longo do processo histórico, houve, portanto, a individualização desses ideais e um mal-estar persistente advindo da própria ambivalência.

³ Metáforas utilizadas por Zygmunt Bauman na *Modernidade Líquida* para abordar de maneira inédita transformações ocorridas nas estruturas e relações de sociedades contemporâneas.

Zygmunt Bauman vivenciou, estudou e explanou acerca diversos acontecimentos históricos que fortemente impactaram o decorrer da modernidade, como o Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial (Bauman, 1998), até mudanças e evoluções que mudaram os comportamentos e organizações sociais, como o advento da internet, (Bauman, 1999). E com perspicácia autoridade o mesmo conceituou mudanças atribuídas a fluidez das relações sociais e da própria modernidade, diferentemente de seu estado sólido. Há, para Bauman (2001), o notório crescimento da individualização na modernidade líquida, assim, se esse fenômeno está intrinsecamente associado a maior possibilidade de liberdade individual e “autoafirmação”, assim, assegura Bauman que “A individualização traz para um número sempre crescente de pessoas uma liberdade sem precedentes de experimentar - mas [...] traz junto a tarefa também sem precedentes de enfrentar as consequências” (BAUMAN, 2001, p. 52).

Desse modo, tanto nas estruturas de sociedades emergidas na modernidade sólida, assim como, na modernidade líquida os principais fatores para que cada indivíduo detenha dignidade e possibilidades de realizações são segurança e liberdade. Entretanto, para Bauman (2003) na modernidade sólida estar em comunidade era ter garantia de segurança, mas havia, por conseguinte a perda de liberdade individual, uma vez que invariavelmente a coletividade seria soberana para propiciar a proteção de determinados grupos. Na modernidade líquida, não se estar em comunidade, pressupõe-se estar em contexto de individualização e conseqüentemente maiores possibilidades de liberdade individual e como conseqüência, menores chances de se estar seguro. Assim, assegura Bauman:

A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito. De qualquer modo, nenhuma receita foi inventada até hoje para esse ajuste. O problema é que a receita a partir da qual as “comunidades realmente existentes” foram feitas torna a contradição entre segurança e liberdade mais visível e mais difícil de concertar. (BAUMAN, 2003, p. 10).

Assim, os hábitos adotados e as maneiras de socialização elaboradas pela comunidade existente no sentido acima, expõem maiores implicações e contradições entre segurança e liberdade, estas, persistentes na história. E, portanto, como a tenuidade contida no processo de possibilidades de liberdade e de promoção de segurança, conforme Bauman (1998), pode estar associada às profundas transformações na modernidade? Ao ponto de reestruturá-la. E, desse modo, quais nexos teóricos podem relacionar o processo descrito

sobre ambos os conceitos com o advento da *Modernidade Líquida* e seus desdobramentos?

2. HIPÓTESE

É possível analisar a condição de ambivalência atrelada aos processos de troca ou equilíbrio entre liberdade e segurança durante o curso da modernidade relacionando suas consequências no âmbito social, cultural e político com a insurgência de uma nova maneira de mal-estar que perpetra o estágio líquido da modernidade, criando assim, nexos com eixos que sustentam a teoria da modernidade líquida. Pois, a fluidez de padrões, hábitos, estruturas e relações que antes estavam assentados sobre a solidez do coletivo deram lugar a sintomas sociais de “individualidade” e “insegurança”, conforme BAUMAN (2001, 2007). Assim, se o mal-estar se perpetua tanto na restrição de instintos e felicidades, quanto em maiores possibilidades de satisfação da “vontade de liberdade” (FREUD, 2011), logo, o mesmo é um fenômeno perpetrado nos processos originadores e que também, sustentam a sociedade em sua evolução. As transformações modernas ligadas a maior promoção de liberdade entrelaçadas especificamente ao eixo do *consumo*, amplamente discutido por Bauman podem ter influências diretas com o surgimento do estágio de liquefação da modernidade a partir do momento em que se iniciam ramificações do mal-estar mediante às transformações que emergem as problemáticas associadas aos tempos líquidos.⁴

Assim, o conceito de mal-estar em Bauman (1998), elaborado na perspectiva da pós-modernidade ao trazer à tona a evidente troca, no leito estrutural e relacional das sociedades contemporâneas, de segurança por liberdade sob um invariável estágio de ambivalência pode ter adquirido possíveis ramificações que implicaram no fenômeno da modernidade líquida, que como conceito, aperfeiçoa o conceito anterior de pós-modernidade na obra baumaniana evidenciando novas problemáticas sociais e características como: individualidade, medo, incerteza, insegurança e outras. Desse modo, a narrativa e prática do enaltecimento da liberdade individual sobre a segurança nas perspectivas do consumo exacerbado de materiais e símbolos podem ramificar o mal-estar ambíguo vigente em sociedades que tendem a ser fluidas e individualizadas. Pois o mal-estar ligado a individualização e a multiplicidades de características de sociedades

⁴ Conceito elaborado por Bauman, estando relacionado aos fenômenos descritos na teoria da modernidade líquida e explanado na obra de mesmo nome, publicada ineditamente em 2007.

líquidas que em sua formação atribuíram mais valor à liberdade individual pode ter adquirido novas problemáticas e sofrido contingências na razão e lógica operacional moderna, ou seja, o mal-estar pode pela força de práticas ligadas ao consumo e individualização ter se ramificado em ao menos duas partes: uma ligada a própria ambivalência sobre o valor de segurança e liberdade, e a outra interligada as consequências desse processo na conjuntura de um mundo individualizado que se tendeu a desmanchar os sólidos⁵.

3. OBJETIVOS

- **Objetivo geral**

Analisar os conceitos de *liberdade* e *segurança* na obra do sociólogo polonês contemporâneo Zygmunt Bauman (1925-2017), a fim de relacioná-los com a teoria da *modernidade líquida*.

- **Objetivos específicos**

- Analisar o desenvolvimento teórico baumaniano acerca de liberdade e segurança, desde da retomada às conjunturas modernas dos dois conceitos na obra freudiana.
- Explorar os desdobramentos do conceito de *modernidade líquida* e aplicá-los na análise sobre a relação dicotômica entre liberdade e segurança.
- Avaliar as consequências da ambivalência existente entre liberdade e segurança e o surgimento do mal-estar pós-moderno.
- Comparar o Mal-estar em Freud e o Mal-estar em Bauman.

⁵ Fenômeno descrito primeiramente por Karl Marx e Friedrich Engels na obra *O manifesto do partido comunista* (1948) e abordado bibliograficamente por Bauman na obra *Modernidade Líquida* (2000) a fim de se relacionar o período de derretimento de tudo o que estava contido na modernidade e era sólido até o seu período líquido.

4. JUSTIFICATIVA

Ao estudarmos a obra de Zygmunt Bauman e fazermos uma reflexão sobre a pertinência de suas pesquisas e conceitos para a sociologia, e, portanto, para compreensão do mundo contemporâneo e seus desafios. Deparamo-nos com uma gama de ensaios, conceitos, discussões e metáforas perspicazes sobre estruturas, rupturas e reestruturações recorrentes na modernidade, dentre estas, destacamos a eminente teoria sociológica da *modernidade líquida*, cunhada pelo sociólogo. O impacto desta concepção desenvolvida por Bauman e outras, é evidente em diversos estudos acadêmicos fundamentados de acordo com a mesma, e, também pelo amplo sucesso editorial do autor alcançado em diversos países, assim como, eventos sobre sua obra, realizados em determinadas comunidades acadêmicas⁶. Assim, a partir de análises e interpretações surgiram instigações que nos levaram a pensar sobre quais conceitos anteriores ao de “modernidade líquida” já contextualizavam as iminências mudanças e problemáticas que se acentuariam no presente estágio da modernidade. Nessa perspectiva, percebemos que os conceitos de segurança e liberdade e seus dilemas podem implicar fatores que propiciam mudanças profundas na modernidade. Com isso, analisaremos de acordo com o universo teórico de Zygmunt Bauman os problemas que perpetram o mundo líquido, analisando uma possível vertente que os originou e os desdobramentos de sua atuação sobre as sociedades líquidas vigentes no século XXI. Ademais, ao estudarmos e criarmos nexos entre conceitos pertinentes a obra baumaniana, estaremos de modo pertinente exercendo e desenvolvendo o protagonismo da sociologia enquanto ciência e sua ótica sobre as experiências sociais vivenciadas na atualidade e seus dilemas.

O valor atribuído a liberdade individual durante a modernidade esteve diretamente atrelado às transformações em estruturas sociais, relações e valores permeados em diferentes intervalos de tempo e aos fenômenos políticos agentes sobre determinados grupos. Transformações essas, como a diluição das pontes entre o público e o privado que se evidencia como um dos sintomas mais evidentes da política pós-moderna (BAUMAN, 2000). As mudanças ocorridas durante o curso da modernidade também, modificaram o os fenômenos atribuídos as relações entre segurança e liberdade, reflexões acerca desses

⁶ Tal como, dois simpósios realizados na Universidade de Leeds em 2019 e intitulados, sucessivamente; “Pensando nos Tempos Sombrios: Avaliando os Trabalhos de Zygmunt Bauman” e “Modernidade e Holocausto, trinta anos depois”. Fonte: encurtador.com.br/mvKQU. Acesso em: 11/01/2020.

conceitos e suas relações com a efemeridade da modernidade, abarcam os fatores envolvidos na “arte da política” e a coletividade como maneira de assegurar liberdades (BAUMAN, 2000). Mudanças, nesse modelo, logo, tendem a acarretar novos fenômenos sociais (estes, novos fenômenos trazem à tona as características da modernidade líquida).

Para Bauman (2000), o contexto histórico-moderno que Freud redigiu em alemão a obra *O mal-estar na civilização* o propiciou falar de um sentido social de garantia da segurança mais abrangente do que terminologias usadas em outras línguas. Em termos conceituais, *Sicherheit* aborda o que em outros idiomas abarcam como “segurança, certeza e garantia.” (BAUMAN, 2000, p. 25). Entretanto, o oposto de *Sicherheit* parece ter se chocado com as novas facetas do novo estilo de vida que é perpetrado a partir do enaltecimento das possibilidades de liberdade individual e autoafirmação. Logo, a transitoriedade de valores, conquistas e rápidas transformações ocorridas no período que se tendeu ao estágio fluido da modernidade evidencia em alguns contextos o oposto do que Freud na década de vinte identificaria, isto é, o oposto de *Sicherheit*, ou seja, insegurança, incertezas e ausência de garantias, mas, por vezes, há avanços na afirmação de direitos, inclusive a autoafirmação dos sujeitos. A partir desta ambivalência, pode-se analisar os rumos que as sociedades do mundo líquido perpassam.

A possibilidade de autoafirmação dos sujeitos e liberdade na modernidade está de certo modo atrelada ao surgimento desses que ao se consolidarem e se aperfeiçoarem de maneira democrática suas organizações são capazes de promover e contribuir para transformações históricas e sociais. Nesse contexto, as inúmeras transformações ocorridas em diversas sociedades a partir da segunda metade do século XX, trazem à tona o papel transformador e da grande influência dos movimentos sociais que se dão em várias instâncias e setores atrelados a conjuntura das organizações sociais. Tendo havido a complexidade, dinamização e expansão ao ponto de emergir redes de movimentos sociais em prol de vários princípios dentre eles a liberdade, (SCHERER-WARREN, 2006). De fato, falar de liberdade individual desde o período moderno ou pós-moderno correspondente a segunda metade do século XX, remete, portanto, ao acontecimento de diversos fenômenos sociais e políticos que promoveram a ruptura de costumes, padrões e roupagens que não se relativizavam em curtos intervalos de tempo, como ocorre desde então, trazendo assim, possibilidades de autoconstrução do *Ser* e possibilidades de se construir identidades em dimensões políticas que enaltecem liberdade em meio a fluidez e liquidez da modernidade. Nesse sentido, o eixo do consumo pode ser analisado e acima

de tudo quais as relações desse fator com a autoconstrução do *Ser*, no sentido de individualização, já fundada na modernidade?

Por conseguinte, tal período afetiva a “troca” ambivalente de segurança por liberdade de modo interiorizado em seres humanos (BAUMAN, 1998). Há, assim o estabelecimento e emancipação de caminhos tênues que perpassam a individualidade, esta, bastante subsidiada pela narrativa da sociedade de consumo que conseqüentemente se depara com as introjeções dos antônimos de segurança, fator evidentemente conjugal com novas roupagens de mal-estares. Nessa perspectiva, Bazzanella afirma que:

Talvez em nenhum outro momento da civilização ocidental nos sentimos tão livres para ir e vir, para nos expressarmos, mas ao mesmo tempo limitados, impotentes, desacreditados, desesperançados diante destes paradoxos, diante dos desafios existenciais. (BAZZANELLA, 2012, p. 63)

Mediante o aumento de expressões de liberdade individual e o desencadeamento de incertezas e, portanto, insegurança, há um paradoxo, pois, maiores possibilidades de autoafirmação entre os indivíduos parecem reverberar problemas no âmbito coletivo. E em determinadas estruturas vigentes do sistema capitalista e de consumo, este paradoxo pode estar contido e facetado por meios atrativos que seduzem pessoas a serem livres e terem segurança no consumo (BAUMAN, 2001), algo muito contraditório que somente se sustenta como narrativa e *marketing*, mas não como estrutura deste atual modelo de modernidade líquida.

Para Bauman (2001), é na promoção de estruturas e espaços de consumo como *shoppings centers* que consumidores são seduzidos e atraídos a sentirem-se livres a comprarem. Esse fenômeno amplamente difundido na modernidade líquida, ou seja, o consumo, está intimamente relacionado a sintomas sociais e psicológicos identificados por estudiosos contemporâneos como Silva (2014), que ao aborda o fato de a atual sociedade valorizar todos contextos relacionados ao verbo “ter” em contraposição ao “ser”, havendo contradições e efeitos sociais evidentes, assim, para a autora “Consumir é a maneira mais rápida e eficaz de ter, e, numa sociedade com abundância produtiva, esses dois verbos (ser e ter) viram sinônimos absolutos” (SILVA, 2014, p.04). Essa contraposição entre “ter” e “ser” liga-se aos desafios existenciais experimentados no recente período da civilização ocidental (BAZZANELLA, 2012).

O consumo e o medo, são dois elementos chaves de acordo com Nascimento (2014), para a compreensão e análise dos fenômenos que regem os estudos acerca do mal-

estar em Bauman, revisitando Freud (2011). De fato, o medo desencadeado na modernidade líquida revela fatores para condição perpetuadora do mal-estar nos âmbitos sociais e o consumo também, se revela como um fator propulsor para o estabelecimento do mal-estar uma vez que promete segurança em lugares específicos, porém esses lugares são impares as condições de vida da maioria da população que não alçam a liberdade enaltecida pelo consumo e as que alcançam estão restritas a estes lugares e buscando cada vez mais o distanciamento dos espaços públicos. Desse modo, a partir da discussão de Bauman (2001), sobre os “templos de consumos” e a as condições tênues entre segurança e liberdade, Oliveira (2010), explana acerca dos reflexos dessa tenuidade em *shoppings centers* e academias de ginástica no Rio de Janeiro que se demostram como espaços de enaltecimento da liberdade e do corpo, porém nas ruas, onde a insegurança permeia o cotidiano das relações há um explicita tensão entre segurança e liberdade.

Nesse sentido, o presente projeto ao estudar e analisar a obra baumaniana reavaliando conceitos fundamentais como ambivalência e mal-estar sob o eixo central dos dilemas de segurança e liberdade faz pontes com as consequências da modernidade líquida, contribuindo e aprofundando estudos sobre o universo teórico de Zygmunt Bauman e consequentemente sobre os problemas sociais que movem as pesquisas interligadas as ciências sociais e humanas na contemporaneidade. Apresentando-se, assim, como um novo estudo acadêmico a respeito dos dilemas introduzidos e explanados por Zygmunt Bauman em sua obra.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

A estrutura na qual torna-se possível a civilização, produz valores e categorias que regem as configurações e conduções de interações sociais no âmbito efêmero no qual se perpassa a história. Dois desses valores e categorias, são segurança e liberdade e a relação ambivalente entre ambos na modernidade impactaram transformações recorrentes a cada estágio de sua evolução (BAUMAN, 1998). Ademais, os notáveis estudos acerca do advento da civilização estão associados a uma série de fenômenos e conceitos amplamente analisados e criados pela psicanálise sendo, estes revisitados por diferentes correntes de pensamentos nas ciências sociais. Haja vista, a releitura sociológica de

Zygmunt Bauman da obra de Sigmund Freud *O mal-estar na civilização*, contida em *O mal-estar da pós-modernidade*. Bauman (1998), retoma à discussão freudiana acerca dos ideais de pureza, beleza e limpeza que conduzem interações e vivências em civilização e reinterpreta as agências e mecanismos, assim como, suas realizações na modernidade ou pós-modernidade a fim de estabelecer e manter a ordem.

Por conseguinte, para Bauman (1998), as grandes mudanças de conjuntura intercaladas pela privatização de elementos constitutivos da civilização como, a ordem, passaram a ser suscetíveis a maiores alterações e individualizações estando sujeita a rupturas em sua coerção e heranças, uma vez que, a modernidade se opõe a determinados mecanismos coletivos contidos nas tradições. De acordo com Bauman:

Essa grave mudança no *status* de ordem coincidiu com o advento da era moderna. De fato, pode-se definir a modernidade como a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do desmantelamento da ordem “tradicional”, herdada e recebida: em que “ser” significa um novo começo permanente. (BAUMAN, 1998, p. 20)

As tendências modernas ao que vem a ser “novo” reforçam, invariavelmente transformações em sua estrutura. Desse modo, variações na relação entre segurança e liberdade em articulação com a formação de conjunturas próprias de cada período tornam-se elementos essenciais em torno da ordem, limpeza e pureza que atreladas a racionalização moderna não estão isentas de contingências, marcadas pela ambivalência (BAUMAN, 1998, 1999).

No que diz respeito a relação entre ordem atrelada à civilização e a prioridade de segurança ou liberdade dada pela estrutura operante em cada período. Bauman, ao dissertar e comparar modelos de civilização alega que; “Dentro da estrutura de uma civilização que escolheu limitar a liberdade em nome da segurança mais ordem significa mais mal-estar. ” (1998, p. 09). Assim, o controle social e diminuição de possibilidades de liberdades individuais e consequentemente a repressão dos prazeres advindo do processo civilizatório ao haver a busca pela ordem se faz emergir o mal-estar (FREUD, 2011). Nessa perspectiva, as análises de ambos os autores se relacionam na medida em que o ser humano para Freud (2011), ao adentrar no processo civilizatório através de vínculos familiares e inserção à comunidade depara-se com a dificuldade de satisfazer sua busca pela felicidade e, portanto, insere-se numa cultura de mal-estar. Na perspectiva de Bauman (2003), mudanças no sentido de comunidade de certo modo, desassociaram a

centralização da segurança enaltecida pela coletividade, trocando-a por liberdade e centrando-a no aspecto da individualização.

O embasamento teórico acerca do surgimento dos primeiros hábitos sociáveis, comunais, comunitários e totêmicos que perfizeram a civilização, alegados por Sigmund Freud em *Totem e Tabu*, obra na qual, o mesmo se baseia em diversas pesquisas etnográficas e estudos realizados por autores como: *FRASER, J.G.*; *DURKHEIM, E.* e outros, está intimamente associado a morte do pai pelos filhos e o arrependimento desses entrelaçado ao sentimento de culpa que rege a gênese e evolução da civilização. A figura suprema, ordenadora e protetora do pai separava os diferentes papéis estabelecidos entre homens e mulheres dentro de uma tribo ou clã, tendo posse sobre esses corpos e estabelecendo regras consolidadas por meio do tabu, perfazendo assim, os fenômenos totêmicos no âmbito primitivo. Com a revolta dos filhos e eliminação do pai foram geradas marcas que perpetraram toda a história da humanidade. No que diz respeito as restrições sexuais dos irmãos devido ao domínio e poder estabelecido pelo pai, estas são reorganizadas a partir do consenso entre os irmãos que estabelecem um pacto de não repetirem as ações possessivas do pai, esse unanime acordo evidencia o sentimento de culpa e restrições permanentes aos instintos primitivos e sexuais assentados na cultura e, portanto, na civilização (FREUD, 2014).

Para Freud (2014), o totemismo fundamenta o que consiste a todas as obrigações e restrições morais dos grupos ou tribos. Com isso, o mesmo elenca que a repugnância e punição severa à práticas incestuosas observada em algumas etnias presente em diversos territórios, como em territórios australianos e o culto a um animal totêmico que unifica o grupo [no sentido primitivo] estão inseridos em proibições intimamente relacionadas ao tabu, este por sua vez presente na configuração das relações sociais de sociedades mais complexas e ramificadas pautadas no estabelecimento contínuo de leis e sustentação de uma moralidade que se propõe a reprimir qualquer replica semelhante ao assassinato do pai que envolve a culpa coletiva. Desse modo, para Marcuse (2013), a rebelião contra o pai primordial efetivou a troca do domínio pertencente a uma pessoa por várias, também, a estrutura e os processos nos quais são desencadeados as necessidades e ordenanças coletivas que anteriormente ao ato da horda primeva estavam sob a figura de um pai primordial, com a concretização do ato, estas passaram a agir sob a coletividade instituída por meio do arrependimento e compartilhamento do sentimento de culpa. O mesmo afirma que; “O pai, limitado na família e na sua autoridade biológica individual, ressurge,

muito mais poderoso, na administração que preserva a vida da sociedade e nas leis que salvaguardam a administração” (MARCUSE, 2013, p. 68), ou seja, o acordo entre os irmãos formula leis que, fundam a civilização. Por conseguinte, as restrições e tabus atreladas ao sentimento de culpa e consequentemente fundador da cultura, recalca do imaginário civilizatório as lembranças da morte violenta do pai pelos filhos e são estas restrições operantes na civilização que de modo ambivalente perpetuam o mal-estar (FREUD, 2014, 2011).

Nesta dialética civilizatória, há buscas e maneiras de estabelecer estruturas que garantem a segurança baseada em restrições, ordens, leis [inclusive, supressão de liberdades individuais] e outros fatores elaborados pela cultura, desse modo, as civilizações existentes ao longo do processo histórico-social tiveram que lidar com os dilemas e ambivalência entre liberdade e segurança. Os modelos atribuídos à modernidade no que diz respeito a esses dilemas e as discussões acerca dos impactos de ambos os conceitos na organização social datam, *a priori* desde seu início. Nessa perspectiva, no século XVII a filosofia de Thomas Hobbes tem os primeiros desdobramentos e explanações que abarcam as relações entre liberdade e segurança e sobre diversos temas introduzidos pelo Renascimento na Europa, tais como: a formação e função do Estado, relações entre razão e ciência e, a agenciamento de virtudes. Assim, para Hobbes (2014) a liberdade e as condições essenciais para a vida em sociedade, somente são alcançadas devido a existência do “Estado” ou “República”, ou seja, o grande “Leviatã”, maior do que qualquer ser humano e promovedor dos meios de segurança, proteção e defesa. Uma vez que para Hobbes a força caracterizadora do Estado mantém o contrato social, este sendo um poder no qual há o estabelecimento de atitudes de respeito entre os indivíduos, assim, a ausência desse poder comum é o principal fator para a condição perpetua de guerra sendo esta; “uma guerra de todos contra todos” (HOBBS, 2014, p.108)

Por conseguinte, a visão hobbesiana e contratualista demonstra que as possibilidades do exercício de liberdade individuais estão intrinsecamente e invariavelmente associadas ao mantimento da ordem social assegurada pela segurança e, portanto, a força do Estado (HOBBS, 2014). Esse fator explicitado por Hobbes na obra “Leviatã” demonstra uma relação entre segurança e liberdade que em termos narrativos e conceituais é anterior a eventos que marcam a introdução e efetivação da lógica moderna como: a Revolução Industrial e Revolução Francesa. Assim, a partir desses elementos, na

mediada em que as práticas e transformações da modernidade se acentuavam, novas perspectivas acerca da relação existente entre liberdade e segurança, cronologicamente, surgiam, tais como os estudos freudianos explanados enfaticamente em Freud (2011) e as análises baumanianas contidas com maior preponderância em Bauman (1998).

Para Bauman (2001), a afirmação hobbesiana de que a liberdade entre indivíduos somente, torna-se possível graças à atuação de forças coercitivas advindas de um Estado forte e que limite e aniquile a condição de “homem à solta”, liga-se a perspectiva durkeimiana de submissão do indivíduo à sociedade para a obtenção de possibilidades e liberdades pautadas pela coerção social. Durante à ascensão da modernidade, no longo processo constitutivo dos Estados modernos, de modo opostos aos Estados pré-modernos, houve uma complexa centralização e coordenação administrativa arraigada no estabelecimento do Estado-nação. Estas características, atreladas às dimensões institucionais que perpetraram o capitalismo e industrialismo, tem a vigilância como terceira dimensão associada a essa centralização administrativa, mais ramificada e institucionalizada do que sistemas elaborados em civilizações tradicionais (GIDDENS, 1991). Desse modo, conforme argumenta Giddens (1991), as estruturas das organizações modernas se propuseram a institucionalizar meios de supervisão das atividades dos indivíduos que perfazem as massas populares de modo, direto conforme a teoria foucaultiana ou pelo controle da informação. Assim, o processo civilizacional moderno baseado na finalidade de sua estrutura em centralizar a segurança em nome da liberdade individual em nome da ordem (FREUD, 2011), está intimamente associado a dimensão-estatal-administrativa-moderna instruída na vigilância (Giddens, 1991 *apud* Foucault, 1977). Pois, a supervisão de copos, por si só, já explicita uma condição de diminuição das possibilidades de liberdades individuais a fim de atender à uma estrutura centrada na segurança.

No que se refere a conjuntura do Estado-nação, com base nas alegações de Bauman (1999), o Estado-nação apoiou-se em um “tripé” capaz de assegurar sua soberania, os três seguimentos desse, são; o militarismo, a economia e a cultura. Para exercer o mantimento da estrutura administrativa os recursos anteriormente atribuídos ao poder social são inseridos no aparelho burocrático e institucional que passa a mediar a complexidade de sua estrutura. Com isso, a extensão da globalização e o desencadeamos de fenômenos ambivalentes abalam o Estado-nação, afetando, principalmente o âmbito econômico, gerando assim, um cenário onde a conjuntura não tem possibilidades de

manobra e fica à mercê de eventuais crises (BAUMAN, 1999). Através da perspectiva de que as rupturas desencadeadas pelos processos descritos, podemos analisar as transformações nas estruturas e conjunturas sociais e a tenuidade entre segurança e liberdade atreladas às características rumo a um novo estágio da modernidade, conforme o universo teórico de Zygmunt Bauman.

Com o projeto de Estado-nação em crise, Bauman postula a seguinte interrogação: *Depois da Nação-estado o quê?*⁷, os desdobramentos dessas discussões baseiam-se nas transformações conjunturais assistidas pelos fenômenos implicados pela globalização, como a crescente inercia e expansão de uma sociedade individualizada baseada no consumo, informações e redes, individualização e o paradoxo entre a “extraterritorialidades” dos mais ricos e o isolemos cada vez mais contínuo dos mais pobres (BAUMAN, 1999). Portanto, a estrutura da civilização já assentada sob todas as transformações e todos os paradigmas da modernidade postulados e perpetrados até meados do século XX, passa por um estágio de “troca” [no sentido da dialética e tenuidade entre segurança e liberdade] devido ao esfacelamento da lógica moderna sólida baseada no viés de asseguarção da segurança em sua estrutura, passando, assim a se centra na elaboração das liberdades individuais num momento da história onde se localiza os primeiros sintomas da modernidade líquida e uma nova lógica estrutural (BAUMAN, 1998, 2001, 2008).

Para melhor analisar e compreender a troca na centralização de segurança por liberdade (BAUMAN, 1998) na complexidade dos fatores que regem as estruturas e relações sociais consideraremos a condição de ambivalência indissociável da modernidade e da civilização num todo (BAUMAN 1999 e FREUD, 2014) e a disseminação do mal-estar atrelada a civilização em seu estágio moderno ou pós-moderno (FREUD, 2011 e BAUMAN, 1998). Nesse sentido, é pertinente para a condição de se estar no mundo que cada ser humano esteja inserido num contexto que relacione e desdobre os valores de segurança e liberdade. A modernidade tanto em seu estágio sólido como no seu estágio líquido atrela-se aos múltiplos sacrifícios, trocas, escolhas e ambivalências, assim, para Bauman:

Os valores entre os quais a escolha é feita são ambos desejáveis; em toda troca, portanto, os ganhos estão misturados com as perdas. Cada ato é ambivalente em seus motivos, assim como em suas conseqüências. A liberdade sem

⁷ Terceiro capítulo da obra *Globalização: as conseqüências humanas*. Publicada primeiramente em 1988 e corresponde ao primeiro livro da trilogia que desembocaria na conceituação da Modernidade Líquida.

segurança não tende a causar menos infelicidade do que a segurança sem liberdade. O compromisso entre elas, porém, já que implica inevitavelmente um sacrifício parcial, também não é garantia de felicidade. (BAUMAN, 2008. P. 58)

Os fenômenos de troca, ganhos e perdas que acompanham ambos os conceitos, historicamente, mais recentes, *a priori*, se deu conforme Bauman (1998), pela troca de segurança por liberdade, desse modo, as consequências que reverberaram esse ato podem protagonizar as amplas transformações conjunturais desencadeadas na modernidade, haja vista, que os fatores conjunturais propiciadores para a construção da metáfora da *Modernidade Líquida* por Bauman (2001) são legitimados empiricamente e epistemologicamente.

Podemos considerar, portanto, que o que está relacionado aos processos complexos entre segurança e liberdade num determinado período podem influenciar na configuração de modelos, hábitos e formas de vida amplamente disseminados e assentados em períodos posteriores, tal como, o mundo líquido moderno⁸ associado preponderantemente ao século XXI, enquanto o mundo sólido, também moderno, associado preponderantemente ao século XX, mas com sua gênese em séculos anteriores que perfizeram outros estágios da modernidade. E, as novas características que trazem à tona os tempos líquidos⁹ dão continuidade ao processo ambivalente entre liberdade e segurança, por mais que a *práxis* do cotidiano das relações em “sociedades líquidas” e “individualizadas” enalteçam a liberdade mais que outros períodos que enalteceram a segurança, o que se desenrola e de fato o que esta pesquisa se dispõe a estabelecer, não é uma condição moralizante se esse modelo ou estágio da modernidade é o certo ou o errado a ser seguido, ou se está para o bem ou para mal e sim uma análise sociológica sobre as consequências, as características, as tensões e os fenômenos que regem os tempos líquidos. Estes, de acordo com Bauman (2007 e 2008), têm a propagação árdua de sintomas de insegurança e medo. Portanto, a ambivalência e o mal-estar atrelam-se ao processo de formação e atuação destas consequências.

A individualidade como sendo um dos pilares que acarretaram as transformações das formas e estruturas da modernidade fazendo-a tornar-se líquida é para Bauman (2001), uma condição que sucede o motivo correspondente ao conceito de emancipação.

⁸ Este, enaltecedor do valor de liberdade individual.

⁹ Tais como o estado de “vida líquido-moderno e seus medos” e “incertezas”, explanados mais profundamente nos capítulos primeiro e quinto do livro *Tempos líquidos*.

Assim, a modernidade sólida ao lidar com a ambivalência a fim de manter um sistema produtivo no sentido fordista, ou seja, partindo de uma mecanização rotineira do ser humano em condições de trabalho, e consequentemente reduzir as condições de liberdade individuais dos sujeitos. Para tal, de acordo com Bauman, a modernidade sólida “[...] era inimiga jurada da contingência, da variedade, da ambiguidade, da instabilidade, da idiossincrasia” (2001, p.37). Mas, com a aparição de fatores que contribuíam para a autoafirmação e emancipação dos sujeitos; o aumento das possibilidades de individualidade, onde antes só haviam condições de existência baseadas, invariavelmente em comunidade; a transformações referentes a relação entre tempo e espaço; trabalho e comunidade (BAUMAN, 2001). Houve, portanto, o esfacelamento de uma lógica moderna moderna-industrial baseada na negação das liberdades a fim enaltecer o controle, a ordem, a vigilância a produtividade e enfim a segurança.

Percebe-se, que a temática acerca dos conceitos de segurança e liberdade perpetram diversos períodos e formas da modernidade. A tensão no processo de “troca” entre ambos os conceitos que efetivaram rupturas estruturais e formas se acentuam na transição de modelos de produção, e a apresentação de membros sociais como sujeitos (BAUMAN, 2001). Por conseguinte, esse fenômeno reforça e o processo de individualização que têm seu viés ambivalente, de modo que “[...] a ‘individualização’ consiste em transformar a ‘identidade’ humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e da consequência (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização. ” (BAUMAN, 2001, p. 44). Nesse sentido, o surgimento de identidades está atrelado ao momento em que há a ocorrência de sociedades individualizadas (BAUMAN, 2008). Assim, a autoafirmação de indivíduos promoveu fenômenos que transformaram os padrões e sistemas historicamente construídos e mantidos até a modernidade sólida são descentrados ou tornaram-se líquidos na medida em que ascendia a pós-modernidade ou modernidade líquida (HALL, 2011 e BAUMAN, 2001).

Para Hall (2011), durante a modernidade houve sucessivas rupturas de ideias e estruturas medievais, tal como, a perspectiva de que o indivíduo de modo divinamente predestinado estava posto em papéis sociais ou em tradições invariáveis. No entanto, o entendimento sobre identidade na pós-modernidade passou por um “descentramento”, isto é, surgiram novas maneiras de identidades que antemão não se constituíam devido a prevalência de uma sólida norma e alguns fatores que limitavam ou impossibilitavam o

contato, interação e diversidade entre povos. Com a ascensão de ferramentas e novos hábitos advindos da globalização, houve profundas transformações no âmbito indenitário e das relações sociais. Hall, alega que o surgimento da modernidade efetiva três diferentes sujeitos o sujeito iluminista, cartesiano e sociológico influenciados por doutrinas e a consolidação de um pensamento científico no pós-renascimento. No curso da modernidade, em seu período tardio, houve o “descentramento” dos sujeitos e diversas possibilidades de constituição de identidades que se interseccionam e que necessariamente não aderiam mais a uma norma centrada. Especificamente, Hall demonstra os cinco principais “descentramentos” do sujeito a partir, de Marx, com a luta de classe, o sujeito universal e outros pontos do marxismo; Freud, com o uso do inconsciente, e argumentações acerca da sexualidade nos papéis sociais; Saussure, no que se refere ao modo como expressamos a linguagem, questões relacionadas aos simbolismos e outros; Michel Foucault, no que diz respeito a “genealogia do poder”, formas de dominação, “poder disciplinar” e outros; e por último o Feminismo, em sua dimensão crítica teórica e movimentos sociais. Assim, Hall demonstra que esses fatores associados a modernidade tardia, promoveram o “descentramento” dos sujeitos postulados no início da modernidade, como o cartesiano e o sociológico (HALL, 2011).

Há, portanto, um fator preponderante associado as maiores possibilidades de liberdade individuais, ou seja, o rol de identidades emergido no final do século XX, conforme Hall (2011). A análise de Hall contida na obra *Identidade cultural na pós-modernidade* está associada a década de 90, assim como, a análise de Bauman em *O mal-estar da pós-modernidade*. Ambos, refletem acerca das transformações sociais, culturais e políticas que marcaram tal período, tal a ação da globalização no mundo. Para refletir sobre a “troca” de segurança por liberdade, é pertinente analisar as transformações desencadeadas por esse processo e a atuação dessas no desenrolar das consequências em um determinado período, esse é o eixo fundamental, na qual essa pesquisa se desenvolve. Nesse sentido, analisaremos o “epicentro” da “troca”, considerando que dela se perpetua o mal-estar de acordo com (FREUD,2011 e BAUMAN,1998). Esse momento, está intrinsecamente associada a atuação de uma estrutura social moderna baseada a atender as exigências do consumo e da economia.

A partir do surgimento de uma maior possibilidade de autoafirmação emerge atrelado a este fenômeno uma contradição, implícita a “modernidade fluida” gera, de acordo com Bauman (2001), um “abismo” entre as situações sociais impares a

autoafirmação e o controle destas. Nesse sentido, a “autoafirmação” e “individualização” enquanto preceito a maior possibilidade da obtenção e realização de liberdades, desprende os membros de suas determinadas comunidades, anteriormente mantidas e perpetuadas pela solidez das relações a fim de manter o bem-comum. Para Bauman (2003), a tenuidade entre segurança e liberdade, como um fenômeno social gira em torno das questões ligadas a ideia de comunidade, tal como existe e tal como foi imaginada, porém, para os indivíduos que graças a fluidez das relações se depreendem territorialmente das comunidades tendem a lidar com os perigos, a vulnerabilidade, a fluidez, a rapidez e os diversos medos que afloram principalmente nos contextos urbanos. Como marca desse, nem as comunidades, nem os países estão podem assegurar uma plena segurança aos seus habitantes, pois os fatores negativos da globalização atuam e impossibilitam estes de manterem a segurança, já que a insegurança e o medo alteraram a condições da vida social, a partir do aumento exorbitante de condições em que “[...] pessoas vivem atrás dos muros, contratam seguranças, dirigem veículos blindados, portam porretes e revólveres, e frequentam aulas de artes marciais. ” (BAUMAN, 2007, p. 15). Assim, os tempos líquidos levam consigo a marca da insegurança, originada por mudanças estruturais e conjunturais de modelos e lógicas modernas sólidas que podem estar diretamente associados aos dilemas ambivalentes entre segurança e liberdade.

A generalização do medo perpetuada na modernidade líquida tem implicações diretas na organização social e nos hábitos vivenciados nos cotidianos da vida contemporânea. Assim, o “medo líquido” para Bauman, durante a modernidade líquida, diferentemente de outros períodos ganhou capacidades e meios propiciadores de autopropetuação e autofortalecimento (BAUMAN, 2008). Ademais, esta nova organização baseia-se e está atrelada ao aumento exorbitante das manhas que perfazem o que se denomina sociedade de consumo, que por sua vez a atuação desse eixo impacta diversos aspectos do âmbito social, tais como, as comunidades, produção de valores e condutas, e a democracia dentre outros. Bauman, em outra análise dos modos de vidas perpetrados na modernidade fluida explana acerca dos impactos desencadeados pelo consumismo e uma os fatores negativos de uma globalização que enfraquece e deixa em *déficit* quase todos os Estados-nação, transformando de maneira radical pessoas em mercadorias (BAUMAN, 2008). De acordo com o mesmo houve a privação e a disseminação de realidades “comodificadas” e o ocultamento destas em sociedades de consumidores, fazendo com que estes se atraem pelo aspecto do ato compulsivo de

exercer a compra de mercadorias, não mais ligada somente ao *fetichismo da mercadoria* e o ocultamento das substâncias demasiadas humanas e sim pelo ocultamento das subjetividades de uma sociedade de consumidores e dada a uma individualização (BAUMAN, 2008, grifo do autor). A manipulação das subjetividades, realizada pelas tecnologias e redes sociais disseminadas no século XXI, pertencentes as estruturas e mecanismo dos setores ligados a possibilidade de consumo, coincidem e podem, portanto, estar ligada ao fenômeno disseminador das consequências surgidas pela “troca” de segurança por liberdade exposta por Bauman (1998), e a iminência do imaginário das possibilidades arraigadas pelo aumento do consumo, fator que evidenciou a persistência do mal-estar (FREUD, 2011 e BAUMAN, 1998), assim como as ambivalências desencadeadas pelos posicionamentos das novas organizações modernas. Tais como, o medo acometido nas configurações do mercado e a incerteza e flexibilidade das relações (BAUMAN, 2009).

O embasamento teórico da obra baumaniana sobre o consumo e o advento de sociedades surgidas em meio aos seus desdobramentos se aproximam e se relacionam com diversas temáticas muito caras a sociologia, como por exemplo a desigualdade. Nesse sentido, para Bauman (1998), há estratégias perpetradas pela estrutura dominante das sociedades de consumo em aumentar a distância entre os mais ricos e os mais pobres acirrando as desigualdades, estas se dão por meio da exclusão, incriminação e encarceramento da população pobre. No entanto para a complementação de nossos, será analisada a outra face desse fenômeno, a de que segundo Bauman na mesma obra, os pobres são “seduzidos” a consumirem os produtos que ao serem vendidos tornaram, os “ricos ainda mais ricos” (p. 76-77) e uma grande porcentagem desses que foram seduzidos a comprarem não terão a possibilidade de exercer tal ato, e serão frustrados, devido uma condição de pressão (BAUMAN, 1998). Esta análise é pertinente para a demonstrar e exemplificar a linha de pensamento na qual se segue esta pesquisa, pois há a explanação de uma ambivalência ou contradição que paira sobre as possibilidades de liberdades individuais baseadas no consumo e a diminuição da segurança.

De modo que determinados seguimentos sociais são inseridos em contextos mais assolados pela tenuidade e consequências desses processos, como uma maior sensação de insegurança e conseqüentemente, como reação aos novos problemas surgidos, há a promoção de aparelhos, equipamentos e planos estatais cada vez mais sofisticados a fim de sanar e reprimir as condições regentes do “medo” e “insegurança” em sociedade, ou

seja, neste período líquido da modernidade nas décadas transitórias do século XX para o século XXI vários países do mundo e suas grandes mídias disseminaram dados e debates acerca do aumento exorbitante da sensação de inseguranças nas ruas. Tal como explicita o estudo de Benevides (1983), ao demonstrar que no Brasil o “*fator segurança*” no decorrer do início da década de 80 tem correlação direta com o aumento da divulgação advindos na grande imprensa a disseminação da narrativa da necessidade de estender o policiamento nas ruas. Outrossim, Bauman (1998), ao relatar sobre as crises e instabilidades sociais e, a impossibilidade da asseguuração de emprego as populações encarceradas e ociosas a malha econômica e industrial vigente na era do consumo, evidencia os conflitos surgidos desses processos e que tocam diretamente o fator ligado ao aumento da sensação de insegurança nas ruas por parte de 85% da população da Grã-Bretanha na década de 90. Desse modo, esses exemplos estão associados ao mal-estar que por sua vez está atrelado aos dilemas de segurança e liberdade em discussão acerca da fluidez da modernidade, suas características e problemáticas.

Em Giddens (1991), o conceito de “segurança ontológica” abarca amplamente os fatores emocionais e, não cognitivos, que propiciam sentimentos de segurança nas ações e organizações sociais fomentadoras da sensação de “fidedignidades” que envolvem pessoas e coisas, atrelando-se, portanto, a noção de confiança. Este conceito está associado, assim, aos estudos fenomenológicos no que toca o estado de “ser-no-mundo”, assim, podemos atribuir às condições de segurança ontológica aos interesses e estudos sobre os dilemas de segurança e liberdade discutidos na presente pesquisa. Consistindo em uma aproximação com as explicações de um sentido social da garantia de “segurança, certeza e garantia” contidas no conceito alemão de *Sicherheit*, conforme aumenta Bauman (2000). Assim como as explicações sobre o “Ser” e os fatores culturais e repressivos contidos no processo formulador da civilização (FREUD, 2011). Associando estas reflexões a conceitos e investigações pertinentes e, portanto, considerando que os fenômenos ambivalentes desencadeados pelo processo de “troca” e a centralidade de segurança por liberdade na estrutura moderna (BAUMAN, 1998), fez emergir, características novas e propulsoras de mudanças e rupturas dos fatores que perfaziam a modernidade sólida, tornando-a líquida. Bauman (2015) alega que estamos vivendo no [que possivelmente corresponda aos desdobramentos da modernidade líquida] curso de uma longa marcha baseada em grandes reformulações normativas e demasiados policiamentos que ressaltariam a base para a segurança, de modo que, também,

marchamos rumo as eliminações das restrições impostas as liberdades individuais sendo esta análise, portanto, cabível a uma metaforização de um pêndulo entre ambos os conceitos.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa ao estudar os conceitos de segurança e liberdade contidos na obra de Zygmunt Bauman e investigar suas implicações com a transição de características pertencentes a modernidade, e logo, seus estágios, possibilita análises de conjuntura recorrentes para os desafios da contemporaneidade. Percebe-se que a *Teoria da Modernidade Líquida*¹⁰ elaborada por Bauman, expõe muitos fenômenos do mundo contemporâneo e suas diversas problemáticas, assim, esta pesquisa se propõe a fazer estudos a respeito dessas questões, investigando os caminhos ambíguos pelos quais a modernidade chegou a esse estágio sob as consequências dos processos de trocas atreladas a segurança e liberdade e aos seus desdobramentos, e novos fenômenos que se manifestam. Neste percurso, ao se estudar os dilemas de segurança e liberdade relacionando-o fundamentalmente com conceitos pertinentes a pesquisa, tais como; ambivalência, mal-estar e consumo estabeleceu-se nexos com obras intrínsecas a teoria da modernidade líquida, isto possivelmente ajudará a melhor entender e interpretar os desdobramentos desses processos na atualidade e em tempos vindouros.

6. METODOLOGIA

De acordo com Gil (2010), a elaboração de uma pesquisa bibliográfica baseia-se principalmente em materiais já publicados e, também em estudos referentes ao pensamento de um determinado autor. Com isso, será realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico referente ao pensamento do sociólogo polonês, Zygmunt Bauman (1925-2017), no que diz respeito aos dilemas de segurança e liberdade em sua obra. Ainda conforme o autor, esta metodologia de pesquisa, é pertinente a ser usada quando o problema de pesquisa em questão requerer informações e dados acerca de uma gama de fenômenos, não cabíveis a uma análise direta. Desse modo, ao estudar os dilemas de ambos os conceitos na obra baumaniana, e estabelecer proposições, referentes as

¹⁰ Cunhada por Bauman, numa sequência de várias obras que abrangem a variedade do líquido na Modernidade, tais como: *Modernidade Líquida*, *Tempos Líquidos*, *Medo Líquido*, *Vida Líquida* dentre outras.

implicâncias desses com o advento de profundas transformações ocorridas na modernidade, esta pesquisa se põe a lidar com uma gama de fenômenos e dados que passarão por uma investigação profunda e fundamentada em fontes seguras que correspondem a livros, teses, dissertações e outros (GIL, 2010).

Por conseguinte, para Cervo, Bervian e Da Silva (2007), a pesquisa bibliográfica pode ser realizada de maneira independente ou pode se associar e complementar outra metodologia de pesquisa, contudo em ambos os casos, há a busca em estabelecer a explicação dos problemas levantados por meio de referências teóricas obtidas a partir de um levantamento bibliográfico. Nesta perspectiva, a partir dos estudos e leitura de alguns livros de Zygmunt Bauman, constatou-se a atuação ambivalente entre segurança e liberdade, enfatizada na obra *O mal-estar da pós-modernidade*, publicada inicialmente em 1997, assim, serão analisadas profundamente obras que contêm os desdobramentos das discussões acerca de ambos os conceitos, já definidos, conforme o levantamento bibliográfico, em preponderância em obras publicadas no período correspondente entre 1997 a 2007. Assim, será possível analisar o dilema que perfaz o problema da pesquisa relacionando-o com pertinentes conceitos e teorias de Zygmunt Bauman e outros autores cabíveis à pesquisa, exercendo, portanto, outro mecanismo que a pesquisa bibliográfica se propõe a realizar, isto é, analisar variadas posições em relação a um determinado assunto (GIL, 2010).

Dentre essas relações, destaca-se os nexos estabelecidos entre conceitos pertencentes ao pensamento baumaniano e freudiano como o de *mal-estar* (BAUMAN, 1998). Este conceito, juntamente com o de *ambivalência* e *consumo* serão enfatizados para a contemplação e estruturação de uma reflexão fundamental sobre as transformações associadas a transição do período sólido e pesado ao líquido e leve da modernidade (BAUMAN, 2000). Também, serão analisadas as características da modernidade líquida e os desdobramentos da relação ambígua entre segurança e liberdade, além de outros conceitos relacionados ao problema contextualizado. Diante das análises dos materiais em estudo, realizaremos fichamentos bibliográficos e resenhas com o intuito agregar e armazenar informações sistematicamente em pastas no *Google Drive*, visando a organização e auxílio durante a realização das tarefas e análises associadas à pesquisa.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Para que serve a sociologia**: Diálogos com Michael Hviid Jacobsen e Keith Tester. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

_____. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **A SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **COMUNIDADE**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Globalização as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENEVIDES, Maria, Victoria. **Violência, povo e polícia**: violência urbana no noticiário de imprensa. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BAZZANELLA, S. L. **O conceito de ambivalência em Zygmunt Bauman**. V 2, n. 4, 2012. Disponível em: encurtador.com.br/ceP05. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

CERVO, A. L., BERVIAN, P. A., e DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6º ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2017.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2011.

_____. **Totem e tabu**: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos. Porto Alegre (RS): L&PM, 2014.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo. Editora Unesp, 1991.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOBBS, Thomas. **LEVIATÃ** ou matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e civil. – 1ª ed. - São Paulo: Martin Claret, 2014.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 8ª ed. – [Reimpr]. – Rio de Janeiro: LTC, 2013.

NASCIMENTO, Marcio Lima do. **Do mal-estar em Freud ao mal-estar em Bauman**. João Pessoa: UFPA, 2014. Disponível em: encurtador.com.br/IEFN5. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

OLIVEIRA, Cássia Maria Baptista de. **OS TEMPLOS DE CONSUMO: ACADEMIA DE GINÁSTICA E O SHOPPING CENTER NA CONTEMPORANEIDADE**. Emblemas, v. 7, n. 1, 207-224, Jan-Jun, 2010. Disponível em: encurtador.com.br/gozBQ. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes consumistas: do consumismo à compulsão por compras**. Globo Livros, 2014. Disponível em: encurtador.com.br/rGOPU. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

SCHERER-WARREN, Ilse. **DAS MOBILIZAÇÕES ÀS REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS**. Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan. /abr, 2006. Disponível em: encurtador.com.br/yBFX1. Acesso em 25 de outubro de 2019.